

SAÚDE

"Meu filho perdeu 70% da função renal", diz mãe de menino que precisou fazer transplante de rim com 9 anos

Marimarcia Zanin Acorsi, de 45 anos, passou meses com o filho Murilo no hospital a espera de um doador. "A doação de órgãos faz milagres na vida de quem está sofrendo e sonhando em voltar a ter vida", ressalta.

6 min de leitura

AMANDA OLIVEIRA
27 SET 2022 - 16h22 | ATUALIZADO EM 27 SET 2022 - 17h32

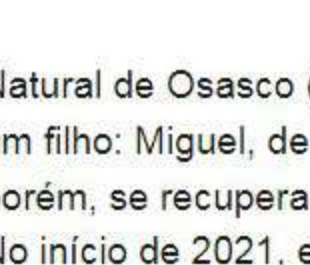


Quando Marimarcia Zanin Acorsi, de 45 anos, recebeu a notícia que um rim estava disponível para seu filho, o pequeno Murilo, de 9 anos, em 18 de agosto, seu coração encheu de alegria. Afinal, o caminho até chegar a esse momento foi cheio de intercorrências. No *Dia Nacional da Doação de Órgãos*, comemorado nesta terça-feira (27), a mãe conta como o gesto de doação mudou a vida de seu filho. "A doação de órgãos faz milagres na vida de quem está sofrendo e sonhando em voltar a ter vida", ressalta.

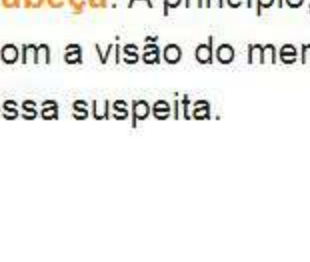
SAIBA MAIS



Menina de 2 anos precisa de transplante, encontra doador a tempo e sobrevive: "Ela tinha cerca de 14 dias de vida", diz mãe



Menina de 4 anos doa células-tronco para salvar irmão, diagnosticado com câncer



Avô abraça netos pela primeira vez após duplo transplante de braços

Natural de Osasco (SP), Marimarcia, além de Murilo, também tem mais um filho: Miguel, de 12 anos. Ambas as crianças nasceram prematuras, porém, se recuperaram bem e não tinham nenhum problema de saúde. No início de 2021, essa situação mudou. Em entrevista exclusiva à CRESCER, a mãe relata que o caçula começou a sentir muita dor de cabeça. A princípio, a família pensava que o sintoma estava relacionado com a visão do menino, porém, os exames oftalmológicos descartaram essa suspeita.



Murilo no hospital (Foto: Arquivo Pessoal)

Com quadro de dor de cabeça ainda mais forte e vomitando, Murilo foi levado para a emergência do hospital em junho do ano passado. "Na hora que chegou lá, ele teve uma parada. Precisaram intubá-lo e extubá-lo. Foi tudo muito rápido, desde então ele ficou internado", lembra a mãe. A partir desse momento, os médicos começaram uma difícil busca para encontrar o que estava deixando o paciente doente. Após um exame de urina, os especialistas descobriram que o garoto estava com problemas renais e, logo depois, a família recebeu o diagnóstico de síndrome nefrótica — doença que afeta os rins, causando perda de proteína e inchaço pelo corpo. "Ele tinha perdido 70% da função dos dois rins", conta Marimarcia.

No início, os médicos optaram por tratar o menino com imunossupressores para ver se o organismo de Murilo conseguiria reagir com apenas 30% da função renal. No entanto, o pequeno não respondeu bem ao tratamento. Foi então que Murilo começou a fazer a diálise peritoneal, em que um filtro substitui o funcionamento dos rins.

SAIBA MAIS



Infecção urinária: 11 perguntas e respostas sobre o problema em crianças

Internações constantes

O hospital Sabará (SP) passou a ser o lar de Murilo. Com o tempo, ele começou a sentir falta de casa e principalmente de sua cachorrinha Sol. Com intuito de animar o pequeno nesse momento tão difícil, o hospital preparou uma visita do pet à unidade de saúde. Depois de três meses internado, o menino, finalmente, pode rever sua cachorra e não segurou a emoção. "Foi uma surpresa. A Sol sempre foi a esperança dele. Murilo não via a hora de voltar para a casa para ver a cachorrinha. A saudade era muito grande!", conta a mãe.

É claro que essa visita especial precisou ser muito preparada! De acordo com o Hospital Sabará (SP), antes de ir à unidade de saúde, Sol tomou banho, foi transportada em uma caixa específica e passou por higienização das patas com toalhas umedecidas.



Murilo com a sol (Foto: Arquivo Pessoal)

Com o tempo, o pequeno foi se recuperando e, em outubro, a família recebeu uma boa notícia: Murilo poderia sair do hospital! Foram dois meses de alta até ele começar a não responder tão bem ao tratamento de diálise. Em dezembro, precisou ser internado novamente após seu quadro piorar e resultar em um derrame pericárdico, caracterizado pelo acúmulo de sangue ou líquidos nas membranas que revestem o coração, o que prejudica a circulação. No Natal, ele pode ir para casa comemorar a data com a família, mas logo precisou ser internado novamente.

Neste ano, Murilo deixou a unidade de saúde às vésperas de seu aniversário em abril, porém, no final de maio, começou a sentir falta de ar e após um ecocardiograma, os médicos o diagnosticaram novamente com derrame pericárdico. Marimarcia relata que esse momento não foi fácil. Além dos problemas de coagulação, Henrique contraiu covid-19. Por causa de seu estado de saúde fragilizado, os médicos declararam que naquele momento ele não teria condições de passar por um transplante.

Com o passar do tempo, o quadro delicado de Murilo foi melhorando aos poucos e ele pode entrar na fila de transplante para aguardar um doador. Mesmo vivendo uma situação difícil, a mãe conta que o pequeno nunca perdeu as esperanças: "Ele dizia: mãe, logo eu terei meu rim", lembra Marimarcia. Foi então que aconteceu uma situação bem curiosa.

No dia 17 de agosto, Murilo estava no quarto enquanto sua mãe tomava banho e fez um pedido bem inusitado para a técnica de enfermagem: "Tia, vamos brincar com a minha mãe? Vamos falar que o meu rim chegou?", disse o garotinho. No momento, a profissional se negou a participar da "brincadeira". Afinal, isso poderia deixar Marimarcia muito nervosa.



Murilo internado (Foto: Arquivo Pessoal)

Ninguém tirava da cabeça do pequeno que seu rim tinha chegado e ele estava certo! No dia seguinte, às 5 horas da manhã, veio a notícia de que, de fato, o órgão estava disponível para Murilo. "Era uma coisa tão boa que eu não conseguia acreditar", lembra a mãe.

Logo depois, o menino seguiu para a cirurgia que durou em torno de uma hora e meia. Felizmente, deu tudo certo. O transplante foi realizado no dia 18 de agosto e Murilo ficou internado por sete dias enquanto se recuperava do procedimento. No domingo (25), ele finalmente teve alta, e, apesar de seguir com o acompanhamento médico, seu estado de saúde é estável.

Em entrevista à CRESCER, Luiza do Nascimento Ghizoni Pereira, especialista em transplante renal do Sabará Hospital Infantil (SP), que acompanhou Murilo, explicou que no caso do paciente, a síndrome nefrótica veio como parte de uma síndrome genética, com outras alterações que podem influenciar no transplante. "Tínhamos muitas ressalvas, afinal, na literatura tudo que se sabe é baseado em experiências com pequenos grupos de pacientes. Felizmente os resultados cirúrgicos foram muito bons, bem como sua recuperação e resposta aos medicamentos necessários", ressaltou a médica.

Síndrome nefrótica

Segundo Pereira, a síndrome nefrótica é uma condição clínica caracterizada pela perda de grandes quantidades de proteína na urina. Ela pode vir acompanhada de edema, albumina baixa no sangue, alterações no colesterol, propensão a trombose e quadros infecciosos. "Costumamos dizer que síndrome nefrótica é uma doença que engloba muitas diferentes doenças, pois seus sintomas, causas, tratamentos e consequências podem ser extremamente variáveis entre quem é acometido", explica a especialista.

Felizmente, em geral, as crianças evoluem de forma benigna, no entanto, há casos, como o de Murilo, em que há a perda irreversível da função renal e a necessidade de transplante. A síndrome pode ser desencadeada por diferentes fatores: causa não definida (maioria), mutações genéticas (caso do Murilo), quadros infecciosos, doenças reumatológicas como Lupus, ou até como consequência de algumas medicações, ou tipos de câncer (raro em pediatria, porém mais frequente entre adultos).

Quanto aos sintomas, a médica destaca: "a síndrome nefrótica pode ser assintomática, ou estar associada a edema (lembrando que existem muitas outras causas de edema), urina com espuma, ou sangue na urina. Importantes ressaltar que: anemia sem carência de ferro, baixo ganho de peso e estatura, excesso de sede e urina e infecções urinárias de repetição, apesar de não relacionadas especificamente à síndrome nefrótica são condições clínicas que devem motivar uma avaliação da função renal".

O transplante renal será indicado quando há perda grave e irreversível da função renal. "Nós categorizamos a perda da função renal em 5 estágios, de acordo com a medida baseada na estatura da criança e na dosagem creatinina no sangue. Quando esta estimativa de função renal está inferior a 15 ml/min/1.73m² de superfície corpórea, ou seja, estágio 5 de doença renal crônica, ou quando a criança já está em diálise, o transplante é indicado", explica a médica.

Diante dessa situação, Pereira reforça a importância da doação de órgãos. "É como abrir uma porta para um novo caminho, tanto para quem diz sim para a doação, quando para quem recebe. Quem aceita doar os órgãos do seu ente querido ganha a dádiva de fazê-lo e permanece vivo através de outras vidas. Tem a linda oportunidade, de mesmo em meio à dor da sua perda, transformar a realidade de alguém. É um ato de altruísmo e amor genuíno", ressalta a especialista. "Para quem recebe um transplante, este não é a cura, mas a melhor modalidade de tratamento que temos para oferecer hoje para doença renal crônica, com melhor sobrevida, melhor qualidade de vida, melhor crescimento, desenvolvimento, entre outros benefícios", completa.

Se você tiver ou conhecer uma história que quiser compartilhar com a CRESCER, mande para o nosso e-mail redacaocrescer@gmail.com.

Saiba [como assinar a Crescer](#) para ter acesso a nossos conteúdos exclusivos